

## LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 6, N. 1, ano 2014

---

# RELAÇÕES ENTRE A LINGUAGEM FORMAL JAPONESA (KEIGO - 敬語) E A CULTURA

*Janaína Farias de Melo (UFC)\**

*Laura Tey Iwakami (UECE)\*\**

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a cultura e o uso da linguagem honorífica japonesa, *keigo* (敬語) e entre esta e os conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e alteridade constitutiva. Tem-se aqui o pressuposto de que a linguagem é social, sendo os discursos produtos das relações sociais. É através da linguagem que se pode compreender e significar o mundo e as coisas. No caso da cultura japonesa, esta é marcada por tradições e delimitações hierárquicas, o que pode ser observado de forma clara também no uso de seu idioma oficial. O japonês se destaca da maioria dos idiomas, não apenas por possuir alfabetos diferenciados, mas por seu sistema léxico gramatical ter diferentes graus de cortesia, utilizados conforme o nível de hierarquia e intimidade entre os que estão se comunicando. Além disso, a questão do pensamento sempre voltado para o outro, característico na cultura japonesa, também se faz presente no uso da língua, em uma relação de alteridade. Conclui-se que o uso do *keigo* (敬語) demonstra em sua utilização como a cultura e as relações sociais estão presentes na linguagem, na maneira como as pessoas a utilizam e para quem a destinam.

**Palavras-chave:** *Keigo*; Cultura japonesa; Linguagem.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between culture and the use of the Japanese honorific language, *keigo* (敬語) and between the Bakhtinian concepts of dialogism, polyphony and constitutive otherness. It has been the assumption that language is social, and the speeches are products of social relations. It is through language that can be understood and can mean the world and things. In the case of Japanese culture, is well marked by traditions and hierarchical boundaries, which clearly also appears in the use of their official language. The Japanese stands out from most languages, not only for the use of their different alphabets, but also by its grammar lexicon system, which has many degrees of courtesy, used as the level of intimacy and hierarchy between those who communicate. Moreover, the question of thinking always facing the other is characteristic in Japanese culture and is also present in the use of language, in a relation of alterity. In conclusion, the use of *keigo* (敬語) shows in its application as culture and social relations are present in the language, the way is used and to whom is allocated..

**Keywords:** *Keigo*; Japanese Culture ; Language.

---

\* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Psicologia – UFC

Email: janjanmelo@uol.com.br

\*\* Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA

Email: laura.iwakami@uece.br

## INTRODUÇÃO

A construção da identidade dos indivíduos ocorre em meio às relações que eles estabelecem com o ambiente no qual interage. Vygotsky (2008) explica que é através das interações sociais que a cultura é apropriada pelos sujeitos, sendo a inserção, na linguagem e no processo de significação, aspecto fundamental para a constituição do sujeito. As ações dos indivíduos, então, não são apenas individuais deles, mas imbricadas pelo coletivo, ou seja, como afirma Charaudeau (2015, p.15), “não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento à coletividade”.

A linguagem se faz fundamental na cultura, pois é por meio dela que os homens significam, dão sentido às coisas, produzem e reproduzem conceitos e ideias. As culturas nas quais nos inserimos utilizam diversos idiomas, ou dialetos para a comunicação interpessoal, além de serem, também, importantes na caracterização dos Estados e nações. De acordo com Charaudeau (2015), as línguas são parte da identidade das nações e são constantemente modificadas por elas, em um processo de transformação dialético, sendo as identidades nacionais construídas ao longo da história. Os idiomas falados pelas nações são uma das características mais fortes que compõem essas identidades. Como afirma Charaudeau (2015, p.26):

É evidente que a língua é necessária à constituição de uma identidade coletiva, que ela garante a coesão social de uma comunidade e que constitui o “cimento” dessa comunidade, quanto mais presente se faz. É por meio dela que se dá a integração social e que se forja a simbólica identitária. É igualmente evidente que a língua nos torna responsáveis pelo passado, com o qual cria uma solidariedade, fazendo com que nossa identidade seja moldada na história e que, conseqüentemente, tenhamos sempre algo a ver com nossa própria filiação por mais longínqua que seja.

Assim, podemos entender que o idioma, além de não ser apenas estático e nem a soma de um conjunto de regras, é construído e reconstruído na cultura, compõe a identidade coletiva, além de fazer parte da construção do sentimento de pertença dos indivíduos a determinada nação ou povo. Bakhtin (2008, p.207) fala acerca do tema considerando “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”.

Voltando-se para o idioma japonês, o mesmo é considerado como língua oficial apenas no Japão, mas é estudado em diversos países, inclusive por conta das diversas comunidades nipônicas, como, por exemplo, em São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Ceará<sup>1</sup>. No Brasil, vivem cerca de 1.500.000 japoneses ou descendentes. Kawanami (2014) afirma que a migração para o país se iniciou em 1908, quando alguns japoneses vieram para o Brasil, aportaram em Santos para trabalhar nas plantações de café. Inicialmente, houve um choque cultural, mas as famílias vindas do Japão conseguiram se adaptar ao país, tendo inclusive progresso financeiro, em alguns casos.

---

<sup>1</sup> O Brasil possui a maior comunidade de japoneses e *nikkeis* (descendentes) no mundo, com exceção do Japão. A comunidade nipônica brasileira possui mais de um milhão e meio de pessoas (KAWANAMI, 2014).

Em relação ao estado do Ceará, foco de interesse das autoras do presente artigo, este não possui uma comunidade expressiva de japoneses e descendentes. Iwakami (2012) afirmam que o início do fluxo migratório se iniciou na década de 60, com a vinda de doze famílias para a cidade de Guaiuba, no interior do estado. A maior parte dessas famílias, no entanto, voltou para o Japão. Atualmente, há registro de que o Ceará possui cerca de 200 famílias nipo-descendentes, vindas, em sua maioria, de outros estados com maior presença de japoneses e *nikkeis*.

Retomando a temática deste trabalho, no caso da língua japonesa, as demarcações hierárquicas e sociais são bastante evidentes, aparecendo conforme a posição social, idade e o gênero daquele que fala e, em diversos momentos, também daquele que ouve.

Dentro da perspectiva acima apresentada, este artigo tem como proposta uma breve reflexão acerca das expressões honoríficas da língua japonesa, conhecidas como *keigo* (敬語), utilizando-se dos conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e alteridade constitutiva. Podemos aqui refletir também como a cultura influencia e é influenciada pelo idioma, sendo o *keigo* um exemplo claro dessa relação entre cultura e idioma.

Faz-se relevante o estudo desta temática, pois, além de não possuímos uma vasta literatura do tema em português, não se desenvolveram muitos estudos sobre o tema no Brasil que não sejam focados apenas em sua estrutura e uso gramatical. Como afirma Oishi (1974), é necessária a abordagem da utilização do *keigo* no contexto nipônico, e não apenas na utilização de suas regras gramaticais, pois seu uso está relacionado diretamente ao aspecto hierárquico e social japonês.

Ao falar das ideias expressas por Oishi, Doi (1991, p.103) afirma que “ele considera o *keigo* como um objeto a ser tomado como um fato social, fato expressivo e fato psicológico”. Minami (1977) também considera que, para adquirir mais consistência em sua explicação, a investigação do *keigo* deve ocorrer aliada a elementos extra-linguísticos, pelo fato de se tratar de expressões que advêm de relações sociais (DOI, 1991, p.103).

## 1. CULTURA E LINGUAGEM JAPONESA

A língua japonesa possui um complexo sistema de construções, que são reflexo de sua sociedade marcada por hierarquias, que demarcam o nível de intimidade e posições sociais ocupadas pelo falante e pelo ouvinte. Esses sistemas de construções variam conforme o status que ambos ocupam e da relação entre eles. Diferente do português, onde se divide basicamente a linguagem em formal e informal, o japonês possui mais de três tipos de construções principais, como: linguagem informal (*futsukei*), linguagem formal (*masukei*) e linguagem honorífica (*keigo*). Neste artigo, deteremo-nos especificamente na última.

A linguagem honorífica no japonês, chamada *keigo* (敬語), pode ser utilizada para demonstrar respeito e demarcar a posição social ocupada pelos interlocutores, ou seja, são expressões utilizadas para demonstrar reverência por parte do falante para com o ouvinte, ou pela pessoa à qual está se referindo. Dependendo da relação social estabelecida com o ouvinte, o falante deve mostrar reverência. Aqui são considerados três fatores básicos para decidir de que forma irá se utilizar o *keigo*. São eles:

1. *Sonkeigo* (尊敬語): quando o falante é considerado hierarquicamente inferior ao ouvinte, ou é jovem, com o objetivo de demonstrar respeito à pessoa mais velha ou superior a ele. Além disso, também são utilizadas para fazer referência a objetos pertencentes ao ouvinte. As expressões *sonkeigo* podem ser traduzidas como “expressões de respeito” (3A CORPORATION, 2000, p. 145).

2. *Kenjyougo* (謙讓語): quando falante e ouvinte não possuem uma relação de intimidade (quando encontram-se pela primeira vez, por exemplo), com o objetivo de demonstrar respeito para com o ouvinte. Neste tipo de expressão, o falante se rebaixa, colocando-se em uma posição de humildade perante o ouvinte. Em geral, é dirigida a outra pessoa que possua uma condição mais elevada socialmente, ou quando o falante faz referência a uma *uchi no hito* (ウチの人), que significa pessoa de casa/dentro, para alguém que seja *soto no hito* (ソトの人), que significa pessoa de fora. As expressões *kenjyougo* podem ser traduzidas como “expressões de humildade” (3A CORPORATION, 2000, p. 145).

3. *Teineigo* (丁寧語): expressões de polidez utilizadas como demonstração de respeito do falante pelo ouvinte. Aqui há também que se considerar o que se chama relação *uchi-soto* (ウチーソト), que em português significaria “dentro- fora”. *Uchi* (ウチ) é relacionado aos grupos dos quais o falante faz parte (família, empresa em que trabalha, etc.). Os demais grupos, então, são considerados como *soto* (ソト), ou seja, de fora do grupo familiar, da empresa que o falante pertence, da escola em que estuda, etc. Quando o falante fala de alguém pertencente a algum de seus grupos para alguma pessoa de fora de seus grupos, a pessoa do grupo é considerada semelhantemente ao falante. Assim, independente da hierarquia ocupada pela pessoa de quem o falante está se referindo, este não deve usar *keigo* para se referir a ela, por possuir nível de intimidade com a mesma. As expressões *teineigo* podem ser traduzidas como “expressões polidas” (3A CORPORATION, 2000, p. 145).

Podemos observar na fig.1, logo abaixo, como funciona a utilização das expressões acima explanadas conforme a posição hierárquica ocupada.

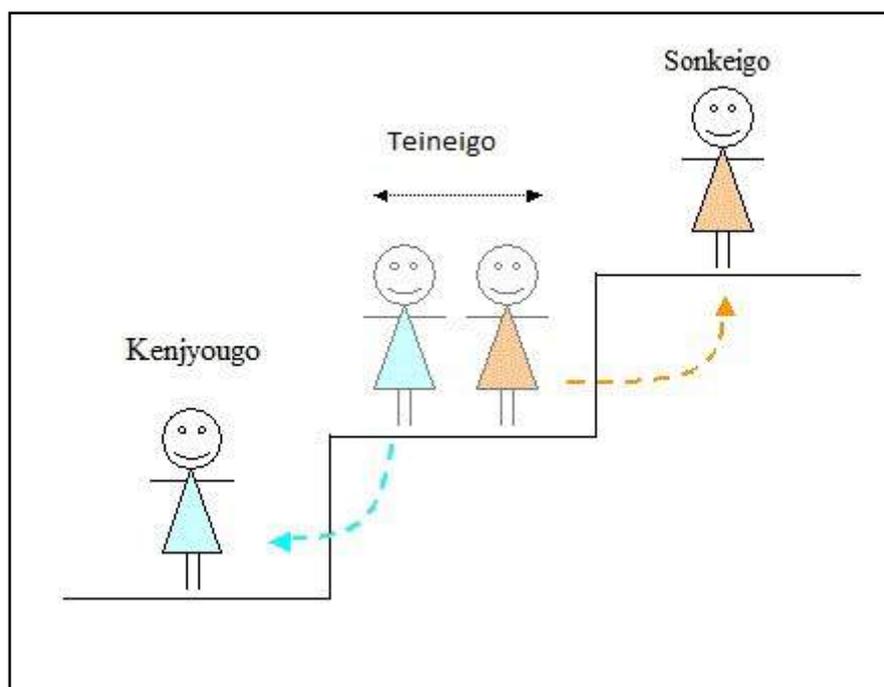


Figura 01- retirada do trabalho de GONZÁLES, M.M (2010). A tradução é de responsabilidade do autor do artigo.

O uso do *keigo* de forma correta é considerado difícil. Até mesmo os japoneses possuem dificuldades em sua utilização. Segundo Gonzáles (2010), por conta disso, é comum, por exemplo, que antes de serem admitidos em alguma empresa, os funcionários participem obrigatoriamente de um curso básico de *keigo*. No caso das escolas, os alunos passam a ser cobrados do uso do *keigo* com professores e superiores desde a quinta ou sexta série.

Quanto ao estudo do *keigo* na Análise do Discurso, Doi (1991, p.97) afirma que a expressão está sendo substituída pelo que denominam de *Taiguu Hyoogen*, que pode ser traduzido como forma de tratamento. A autora justifica a mudança porque o *keigo* se remete às formas linguísticas referentes à relação entre interlocutores. Afirma também que a utilização dessas formas de tratamento em seu trabalho “expressam melhor a natureza do funcionamento dos “*keigo*” dentro da perspectiva da Análise do Discurso.” (DOI, 1991, p.97). Aqui, porém, optamos por conservar a expressão *keigo*.

## 2. DIALOGISMO, POLIFONIA E ALTERIDADE NO KEIGO

No estudo de idiomas, é imprescindível entender que o diálogo entre duas pessoas não é apenas ligado diretamente à língua e às regras linguísticas, mas é atrelado ao discurso. Portanto, temos aqui a perspectiva de uma visão da língua dentro do processo de comunicação dialógico. Como fala Bakhtin (2008, p.210),

As relações dialógicas são extralingüísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas [grifos do autor citado].

Conforme Marcuzzo (2010), dialogismo, um dos principais conceitos de Bakhtin, é definido como o princípio que constitui a linguagem de todo discurso. Tal termo remete a diálogo (vem de *dialoguesthai*), que significa conversa entre duas pessoas. No caso do conceito aqui em questão, como afirma Bloes (2006, p.13), é o “processo de interação entre textos onde este não é visto isoladamente, mas sim correlacionando com outros discursos”.

Podemos compreender, então, conforme afirma Bloes (2006, p.13), que “o dialogismo é o permanente diálogo entre diversos discursos que configuram uma sociedade, uma comunidade, uma cultura, pois para Bakhtin, a vida é dialógica por natureza”. Bakhtin, em sua teoria, defende que não há uma cultura unitária, pois diferentes vozes se relacionam e configuram a sociedade.

Em seus estudos, o autor afirma que o discurso é composto por diversas vozes, ou seja, cada ato de fala tem assimilado e faz uma reestruturação dessas várias vozes que o compõem. Um único discurso, então, é constituído por diversos outros, que interagem com ele e é perpassado pelas interações sociais, o que Bakhtin denomina de polifonia (BAKHTIN, 2003), um dos principais conceitos dentro do dialogismo.

Entendendo este conceito, então, pode-se concluir, conforme o autor, que polifonia é “a multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto”. (BAKHTIN, 2008, p.38-39). No discurso, segundo Marcuzzo (2010), a polifonia funciona como uma estratégia discursiva que é utilizada no processo de construção textual.

O autor fala acerca da questão de que aquilo que se fala, por mais “autêntico” que seja, mesmo que a ideia seja elaborada naquele momento por quem a expressa, esse discurso parte de algo já existente, de vozes e de ideais culturais e históricos que interagem concomitantemente com aquilo que o falante está comunicando. Como afirma Bakhtin (2008, p.23):

No fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes, e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à homofonia. E se falarmos de vontade individual então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade.

Quando nos remetemos às expressões japonesas, é importante compreender, primeiramente, que estas são faladas por pessoas dentro de um contexto social permeado de uma cultura (a nipônica). Kikuchi (2012) afirma que essa cultura é fortemente marcada por divisões hierárquicas e pela história de um país que tem origem feudal, cujas marcas ainda são bastante fortes e que fazem com que, mesmo o país possuindo um regime político democrático, permaneça com fortes traços de divisões de hierarquia.

Quando utilizam as expressões *keigo*, então, os japoneses não estão apenas trazendo em seus discursos um conjunto de regras gramaticais, ou uma forma respeitosa de fala perante aquele a quem está se remetendo, mas toda uma ideologia histórica que foi composta e é demonstrada em sua fala.

Por exemplo, ao agradecer falando *doumo arigatou gozaimashita* (どうもありがとうございました), ao invés de apenas como ouvimos costumeiramente no Brasil, *arigatou* (ありがとう), o falante está demonstrando respeito pelo ouvinte ou demarcando as posições que cada um deles ocupa. Isso ocorre não apenas pelo fato de que falando assim está sendo gentil porque gostaria de demonstrar educação para quem o escuta, mas porque sua fala está permeada por outros discursos, que foram construídos no decorrer da história e vem permanecendo na cultura nipônica ao longo do tempo.

Outro conceito bakhtiniano que se faz importante na compreensão da temática aqui trabalhada é o de alteridade. Podemos entender que a condição de existência da identidade é a alteridade, ou seja, não tenho como me definir como “eu” sem que para isso exista um “outro”, ou “outros”. No caso do discurso, este sempre é realizado por alguém e dirigido a outrem, nem que seja àquele que o produziu. Como afirma Fiorin, (2006, p.170), “todo enunciado possui uma dimensão dupla, pois revela duas posições, a sua e a do outro”.

No caso do *keigo*, esse fato está bem marcado, pois há uma preocupação constante com as posições que falante e ouvinte ocupam e com as relações hierárquicas e de intimidade que eles estabelecem. As expressões de fala dentro do discurso produzido irão variar para ambos conforme as maneiras como falante e ouvinte se posicionam na relação social.

Cada lugar ocupado, pelo falante e pelo ouvinte, é qualificado de determinada forma e designa determinadas maneiras de falar, agir, posicionar-se, como afirma Maingueneau (2006, p. 152), “cada autor se orienta em função da autoridade que tem condições de adquirir, dadas suas conquistas e a trajetória que concebe a partir delas num dado estado do campo.” Compreende-se, portanto, que um posicionamento qualifica determinada posição e lhe dá autoridade, em detrimento de outras. É interessante destacar aqui que, no caso da cultura japonesa, há fortemente a filosofia do pensamento no outro, seja em suas ações ou na maneira de falar, onde sempre há a consideração pelo outro, para aquele a quem se dirige o discurso. A alteridade no discurso japonês é fortemente marcada nas formas de tratamento, sendo o *keigo* um exemplo disso.

É importante compreender, então, a ideia de que o discurso é visto como processo, rejeitando seu conceito estático, mas entendido como uma prática, a prática discursiva. Costa (2005) fala sobre a discussão de Pêcheux acerca das três épocas da Análise do Discurso Francesa. A primeira fase inicia-se com a criação da *École Française d'Analyse du Discours* (1969). A segunda caracteriza-se pelo conceito discutido por Michel Foucault de *Formação Discursiva*. A terceira época é defendida a ideia de que os discursos que permeiam uma Formação Discursiva se formam no interior de um interdiscurso, de forma regulada, e não de maneira independente. A quarta fase da Análise do Discurso, proposta por Costa (2005), enxerga o sujeito em um processo dialético, sendo ele, ao mesmo tempo, produtor e produzido na sociedade. Entendemos, então, que a prática discursiva é também a prática de sujeitos, que são, por sua vez, constituídos pela cultura.

## CONCLUSÃO

Retomando a discussão que desenvolvemos até aqui, concordamos com o posicionamento de Costa (2005), pois é na interação do homem com a sociedade que o discurso se produz e reproduz, assim como ocorre com o próprio sujeito, que vai se constituindo e se formando através dessa interação cultural.

A linguagem *keigo* aqui estudada não é apenas um conjunto de estruturas linguísticas, mas é construída dentro de uma estrutura social, refletindo, assim, a demarcação de classes sociais e a hierarquização que existe no contexto japonês. Aqui podemos perceber que o uso dos diversos tipos de estruturas de linguagem, e, mais especificamente dos diversos tipos de expressões honoríficas, são produzidos e reproduzidos pelas práticas discursivas daqueles que o constroem.

O “plurilinguismo interior”, conceito abordado por Maingueneau, (2006) ocorre na utilização do idioma japonês, com o uso simultâneo não somente de dialetos (ex: *Osaka-ben*, dialeto da cidade de Osaka e *Kyo-kotoba*, dialeto da cidade de Kyoto), que não são foco neste artigo, mas de uma diversidade de tipos de discurso que carrega consigo cultura e história, que a embasa e constitui.

Observamos, por fim, que os conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e alteridade podem ser relacionados ao uso das expressões *keigo*, no sentido de que as múltiplas vozes que compõem o discurso aparecem demarcadas na utilização do *keigo*, sendo produzidas conforme as posições ocupadas pelo ouvinte e pelo falante. As diversas vozes que constroem o discurso, por sua vez, são constituídas em um processo sócio-histórico e vão se modificando conforme interagem

com o meio cultural, transformando-o ao mesmo tempo. Todo discurso é construído por alguém e direcionado para alguém, em uma relação dialógica e de alteridade, pois toda vez que se fala, faz-se isso para alguém nem que seja para o próprio falante.

Concluimos, aqui, uma breve interlocução entre os conceitos bakhtinianos acima citados e o uso de expressões honoríficas do idioma japonês. É interessante, contudo, que se façam mais estudos acerca da temática, ainda não tão estudada no Brasil, o país que possui o maior número de descendentes e de japoneses fora do Japão, sendo a cultura nipônica de importante influência em nosso país, onde a imigração japonesa já possui mais de cem anos.

## REFERÊNCIAS

3A CORPORATION. *みんなの日本語. Minna no Nihongo Shokyu II Honsatsu* – Tradução e notas gramaticais. 1ª edição. Japão, 3A Corporation, 2000.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BLOES, C. C. A. **“Pianeiros: dialogismo e polifonia no final do século XIX e início do século XX”**. 2006, 96p. (Dissertação apresentada no curso de Pós- Graduação, mestrado, em Música do Instituto de Artes da UNESP). UNESP, São Paulo.

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P., LIMBERTI, R. P. **Discurso e (des)igualdade social**. Tradução: Clebson Luiz de Brito e Wander Emediato de Souza. 1ª ed. São Paulo/SP, Editora Contexto, 2015.

COSTA, N. B. da. O primado da prática: uma quarta época para a Análise do Discurso. In: COSTA (org). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campina. Pontes, 2005.

DOI, E. T. As formas de tratamento do japonês: seu funcionamento. In: **XXXV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, 11, 1991, Taubaté. Cadernos Estudos de Linguagem. Campinas, 1991, p.97-112.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo, Editora Contexto, 2006, p. 161-193.

GONZÁLES, M.M.敬語– Keigo, lenguaje formal. In: **¡Un mexicano em Japón!** Tokyo, 15 jul. 2010. Disponível em: <<http://manuel.midoriparadise.com/2010/07/%E6%95%AC%E8%AA%9E-keigo-lenguaje-formal/>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

IWAKAMI, L. T. Uma experiência de ensino da língua japonesa no Nordeste: o curso de japonês no Núcleo de Línguas da Universidade Estadual do Ceará. In: MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, F. P. (Orgs). **A Língua Japonesa no Brasil**: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem. Coleção Japão em Foco - vol. I, Campinas, Pontes Editores, 2012.

KAWANAMI, S. Os 10 países com maior concentração de japoneses. In: **Japão em Foco**, Santo André, 17 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.japaoemfoco.com/paises-com-maior-concentracao-de-japoneses/>>. Acesso em: 07/07/2016.

KIKUCHI, W. 2012, 221p. **Relações hierárquicas do Japão Contemporâneo**: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa. (Tese de Pós-Graduação em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo.

MAINGUENEAU, D. O Posicionamento. In: MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006. P. 151-208.

MARCUZZO, P. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. **Cadernos do IL (UFRGS)**, Porto Alegre/ RS, v. 1, p. 2-10, 2010.

MINAMI, F. **Keigo no kino to keigo kodo** [The Function of honorifics and respectful behaviour]. Ono and Shibata, p. 1-44, 1977.

OISHI, H. Keigo no shikumi [The structure of polite language]. In: **Buncachoo [Agency of Cultural Affairs] Kotoba shiriizu 1: keigo** [language series1: Polite language] pp. 25-36. Tokyo, Japan. Ministry of Finance Publishing Japanese, 1974.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7ª. ed, 2ª tiragem. Martins Fontes, São Paulo/ SP, 2008.

